

TEMPOS DIFÍCEIS

Os preços dos produtos nos supermercados eram remarcados diariamente. Galopante, a hiperinflação no Brasil engoliu anos e anos entre as décadas de 80 e 90. Dados da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) mostram que entre 1980 e 1989, a inflação média no país foi de 233,5% ao ano. Na década seguinte, entre os anos de 1990 e 1999, a variação anual subiu para 499,2%. Foram cerca de 15 anos de inflação acima de dois dígitos e de correção monetária. Todos os setores da economia tiveram sérios problemas, inclusive o de seguros. A falta de competição entre as companhias, a inflação em alta e a população pouco habituada contribuíam para um cenário dormente.

O início da mudança se dá por volta de 1990. A partir desta época, as

seguradoras conseguiram que o governo concedesse mais liberdade para oferecer melhores condições aos clientes e maior fixação de valores. Naquele período também houve a chegada de muitas empresas internacionais, o que movimentou bastante o mercado. Num intervalo de oito anos, foram implementados sete planos econômicos. Contudo, o advento do Plano Real, em 1994, influenciou o crescimento do mercado de seguros. O Plano promoveu a estabilização monetária e marcou o fim da hiperinflação.

Algumas soluções engenhosas, como a adoção de índices para permitir o recebimento dos prêmios e o pagamento das indenizações no período de hiperinflação, possibilitou que produtos em princípio condenados pela desvalorização da moeda, conseguissem não apenas se manter, mas cumprir

O presidente do Sincor-SP e os corretores: “Fomos considerados o terceiro melhor lobby independente da Constituinte pela Fiesp”

Acervo CCS-SP



sua função social, como foi o caso dos seguros de vida em grupo nessas décadas.

Um vendaval chamado Plano Collor

A economia do país sofreu mudanças depois do vendaval chamado Plano Collor, lançado em uma tentativa de debelar o processo inflacionário brasileiro. O pacote radical de medidas econômicas desferido contra a população naquele 16 de março de 1990 determinou que as quantias superiores a 50 mil cruzados novos depositadas em contas-correntes, contas de poupança e investimentos fossem bloqueadas e remetidas ao Banco Central. Os lucros obtidos pela ciranda financeira

foram varridos e as seguradoras, obrigadas a arregaçar as mangas e produzir.

As primeiras semanas do Plano Collor provocaram insegurança generalizada em toda a sociedade. Mas, apesar de tantas conjecturas, houve mudança positiva no relacionamento entre corretores e seguradoras. Os problemas advindos do próprio plano acabaram unindo esses profissionais em busca do mesmo objetivo: priorizar o segurado. Mas isso não bastava. A estrutura do mercado apresentava problemas e vivia à mercê do governo. O pequeno corretor sentiu muito mais dificuldades e as falhas do mercado segurador ficaram evidenciadas.

Circular da Susep, na época, facultava o direito de pagar em cruzeiros ou cruzados novos. A ordem era negociar. Não foi o que ocorreu na totalidade do mercado. O corretor pequeno, sem poder de pressão, sofreu para reivindicar, junto às seguradoras, o pagamento de sinistros em cruzeiros. O Sincor-SP, presidido à época por Octávio Milliet, somava esforços com as companhias para viabilizar, junto ao governo, a liberação de crédito para o setor.

O seguro se sobressai

A realidade dividia o cenário: parte das seguradoras estava em boa situação e outra não. Segundo Cláudio Afif Domingos, então



diretor-superintendente da Indiana Companhia de Seguros, as que estavam em desvantagem já vinham com problemas antes do fatídico 16 de março. “Elas trabalhavam com fluxo de caixa e aplicavam esses valores no mercado financeiro. O confisco da poupança obrigou a população a recorrer ao seguro. Quem nunca comprou o produto, passou a adquiri-lo”, revelou.

Durante a realização do XII Encontro Regional dos Corretores de Seguros, o ex-presidente do Banco Central, Fernando Milliet, afirmou: “Hoje, mais do que nunca, o seguro é um grande atrativo para quem não quer ser pego desprevenido, já que o plano de estabilização econômica impede a utilização de recursos financeiros que se encontram bloqueados”.

Diante dessa conjuntura, recomendava-se ao corretor uma atuação estreita com as seguradoras, pois dependia dele oferecer a melhor opção ao segurado. Após cerca de três meses de Plano Collor, a realidade do setor não mudou significativamente. Apesar das projeções

Milliet e Leoncio (ao centro) com os corretores de seguros em Brasília: luta para garantir direitos dos profissionais na Constituinte

otimistas, as vendas e apólices esbarravam nos mesmos patamares que antecederiam a posse do novo governo e os descontos elevados de 50% a 60% ainda eram praticados. Nenhum outro mentor do CCS-SP enfrentou período mais turbulento na história do país do que João Leopoldo Bracco de Lima. Basta dizer que, durante sua gestão, ocorreu o confisco do governo Collor. Mas também houve o descontrole inflacionário, a edição de vários pacotes econômicos e a mudança de moeda. Bracco de Lima se preocupava com a solvência das seguradoras e dizia que os corretores não poderiam permanecer alheios a essa questão. Em 1990, ao término de sua gestão, fez um balanço desse período conturbado inclusive para o setor. “Nesta minha gestão, a economia

dominou o dia a dia dos profissionais de seguros, que se viram obrigados a adaptar-se ao Plano Verão, no início do ano passado, à volta acelerada da inflação, no segundo semestre”, comentou. No mercado, Bracco de Lima destacou a determinação da Susep, em 1989, de acabar com a cobertura do seguro de automóvel que indenizava pelo valor de mercado. “O Clube defendeu veementemente a cobertura e ainda sugeriu um adicional de 50% sobre a importância segurada a fim de que as coberturas se aproximassem da variação dos preços dos veículos”.

A luta durante a Constituinte

A Constituição de 1988 foi promulgada em consequência da realização de uma Assembleia Nacional Constituinte, convocada pelas forças políticas brasileiras após o período do regime militar. A Carta Magna trazia o Artigo 192, que estabelecia uma nova estrutura para o Sistema Financeiro Nacional. A solução dos problemas existentes na área de comercialização de seguros estava na regulamentação deste artigo. Essa era a postura da diretoria do Clube dos Corretores de Seguros de

São Paulo. Naquele momento, a direção da entidade reafirmava a sua tese em virtude da criação de uma empresa ligada ao Banco do Brasil: “uma constituição estatal competindo no mercado de livre iniciativa”.

A polêmica questão desse modelo de negócio começou a ganhar novos contornos quando algumas instituições financeiras deram sinais de que era preciso encontrar mecanismos mais realistas para enfrentar “essa distorção mercadológica”. Em 1994, a presença das instituições financeiras em seguros era de 67%. Mas um relatório da Standard & Poor’s Financial Services, publicado em fevereiro de 2014, estimava um percentual menor, porém significativo: cerca de 60% de todas as receitas de prêmios de seguros do país eram originadas das agências bancárias.

Movimento

Em 1988, durante a Constituinte em Brasília, o presidente do Sincor-SP, Fenacor e Funenseg, Octavio Milliet, liderou um movimento de corretores que visava defender os direitos dos profissionais junto aos parlamentares. Milliet e o grupo procuravam

conscientizar as lideranças políticas de vários Estados no Congresso, sobretudo as dos partidos do “Centrão”, sobre o perigo iminente da comercialização de seguros ser feita por gerentes de bancos.

Milliet recorda o episódio: “Passei 189 dias em Brasília naquele ano. As despesas corriam por nossa conta. Fomos considerados o terceiro melhor lobby independente da Constituinte pela Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo)”. Octavio Milliet destaca o então deputado federal e corretor Antônio Henrique da Cunha Bueno como o autor de dois incisos inseridos no artigo 192, estabelecendo que os bancos só podiam operar produtos financeiros no mercado e não mediante acordo com as seguradoras. “As emendas foram aprovadas posteriormente. Conseguimos inserir o caput do artigo 192 e os dois primeiros incisos”, finaliza.